

Este livro é dedicado às mulheres
e crianças que tiveram de passar
pelos lares para mães solteiras
e pelas lavandarias
de Madalena.

E a Mary McCay, professora.

“A República da Irlanda tem direito, e reivindica-o, à lealdade de cada irlandês e irlandesa. A República garante liberdade religiosa e civil, direitos iguais e oportunidades iguais a todos os seus cidadãos, e declara a sua intenção de procurar obter a felicidade e a prosperidade da nação inteira e de todas as suas partes, prezando de forma igual todos os filhos da nação.”

Excerto da *Proclamação da República da Irlanda*, 1916

1

Em outubro, as árvores ficaram amarelas. Depois os relógios foram atrasados uma hora e os longos ventos de novembro chegaram e sopraram, despindo as árvores. Na vila de New Ross, as chaminés soltavam fumo, que descia e avançava em fiapos irregulares e demorados, antes de se dispersar pelos cais, e depressa o rio Barrow, negro como a cerveja preta, inchou com as primeiras chuvas.

A maioria das pessoas encarava com tristeza o tempo: donos e empregados de lojas, homens e mulheres no correio ou na fila para o subsídio de desemprego, no mercado, no café e no supermercado, no bingo, nos *pubs* e no restaurante de peixe frito, todos comentavam, à sua maneira, o frio e a quantidade de chuva que tinha caído, perguntando o que significaria aquilo — se é que poderia significar alguma coisa —, pois quem conseguia acreditar em mais um dia de frio agreste? As crianças punham os capuzes antes de sair para a escola, enquanto as mães, habituadas entretanto a baixar a cabeça e a correr para a corda da roupa, ou já mal se atrevendo a pendurar fosse o que fosse, não tinham grande esperança de conseguir secar nem uma camisa até ao final do dia. E depois vinha a noite, o gelo instalava-se de novo, e lâminas de frio deslizavam por baixo das portas e cortavam os joelhos de quem ainda se ajoelhava para rezar o terço.

No depósito, Bill Furlong, o vendedor de carvão e lenha, esfregava as mãos, dizendo que, se as coisas continuassem assim, precisariam em breve de pneus novos para o caminhão.

— Ele está sempre na estrada — disse aos seus homens. — Não tarda nada, só lhe restam as jantes.

E era verdade: raramente um cliente saía do depósito sem que chegasse logo outro, no seu encalço, ou o telefone tocasse, com quase toda a gente a dizer que queria a entrega de imediato ou o mais brevemente possível, que a semana seguinte já seria demasiado tarde.

Furlong vendia carvão, turfa, antracite, cisco e lenha, de que podiam ser encomendados cinquenta ou vinte e cinco quilos, uma tonelada ou um caminhão cheio. Também vendia briquetes, acendalhas e botijas de gás. O carvão era o trabalho mais sujo e, no inverno, tinham de o ir buscar ao cais todos os meses. Os homens precisavam de dois dias inteiros para o carregar, trazer até ao depósito, organizar e pesar. Entretanto, os marinheiros polacos e russos convertiam-se numa novidade, passeando pela vila com os seus gorros de pele, os sobretudo compridos e abotoados até cima, e mal sabendo uma palavra de inglês.

Nestas alturas mais atarefadas, era o próprio Furlong quem fazia a maior parte das entregas, deixando os seus homens a ensacar as encomendas seguintes ou a serrar e dividir os carregamentos de árvores caídas que os lavradores iam trazendo. Ao longo de toda a manhã, ouvia-se as serras e as pás a trabalhar arduamente, mas, assim que o sino tocava para o *Angelus* ao meio-dia, os homens pousavam tudo, lavavam a fuligem das mãos e iam até ao Kehoe's, onde os esperava uma refeição quente de sopa e, às sextas-feiras, peixe com batatas fritas.

— Saca vazia não se aguenta de pé — costumava dizer a Sra. Kehoe, de pé atrás do seu balcão novo, fatiando a carne e servindo os legumes e o puré com as suas compridas colheres de metal.

Os homens sentavam-se alegremente a descongelar e a comer à vontade. Depois fumavam o seu cigarro e enfrentavam de novo o frio lá fora.

Furlong vinha do nada. Menos do que nada, poder-se-ia até dizer. A mãe engravidara aos dezasseis anos, enquanto trabalhava como empregada para a Sra. Wilson, a viúva protestante que vivia no casarão a dois ou três quilómetros da vila. Quando o problema da mãe se tornou conhecido e os pais deixaram claro que não a queriam ver mais, a Sra. Wilson, em vez de a despedir, disse-lhe que devia ficar e continuar como sua empregada. Na manhã em que Furlong nasceu, foi a Sra. Wilson quem mandou que levassem a mãe dele para o hospital e que depois os trouxessem para casa. Foi no dia 1 de abril de 1946, e houve quem dissesse que o rapaz só podia sair mentiroso.

Os primeiros tempos de Furlong foram passados na cozinha da Sra. Wilson, primeiro num cesto de vime e depois bem aconchegado dentro do grande carrinho de bebé junto ao aparador, sem poder chegar aos jarros azuis e altos. As suas primeiras memórias eram de pratos, um fogão preto — quente! quente! — e um chão reluzente de mosaicos com duas cores, sobre o qual gatinhou, e mais tarde caminhou, e mais tarde ainda aprendeu que se parecia com um tabuleiro de xadrez cujas peças saltavam umas por cima das outras ou eram comidas.

À medida que ele foi crescendo, a Sra. Wilson, que não tinha filhos, tomou-o sob a sua proteção, confiando-lhe pequenas

tarefas e ajudando-o na leitura. Tinha uma pequena biblioteca e não parecia importar-se muito com o que os outros pensavam, levando uma vida comedida graças à pensão que recebia pela morte do marido na Guerra e às receitas provenientes da sua pequena manada de vacas *hereford* e das suas ovelhas *cheviot*. Ned, que tratava da quinta, também vivia no casarão, e raramente havia problemas ali ou com os vizinhos, pois a terra estava bem vedada e cuidada, e a Sra. Wilson não tinha dívidas. Também não havia grande tensão por causa das diferentes crenças religiosas, pouco intensas de ambos os lados. Aos domingos, a Sra. Wilson limitava-se a mudar de vestido e sapatos, a prender o chapéu bom na cabeça e a ser levada até à igreja por Ned, no *Ford* que depois continuava até à capela, com a mãe e o filho; e, quando regressavam a casa, tanto os livros de orações como a Bíblia ficavam no bengaleiro da entrada até ao domingo ou dia santo seguinte.

Na escola, Furlong tinha sido gozado e insultado; uma vez, voltara para casa com as costas do casaco cobertas de cuspo, mas a sua ligação ao casarão deu-lhe alguma margem de manobra e de segurança. Continuara os estudos até à escola profissional, onde estivera dois anos, antes de ir parar ao depósito de carvão, fazendo o mesmo género de trabalho que os seus homens atualmente faziam, sob as suas ordens, e depois subindo aos poucos. Tinha jeito para os negócios, sabia dar-se com toda a gente e era de confiança, pois tinha desenvolvido bons hábitos protestantes; costumava levantar-se cedo e não gostava de beber.

Vivia agora na vila, com a mulher, Eileen, e com as cinco filhas. Conhecera Eileen quando esta trabalhava no escritório da Graves & Co. e cortejara-a das formas habituais, levando-a ao cinema e em longos passeios junto ao rio no final do dia. Sentia-se atraído pelo brilhante cabelo preto e pelos olhos cor de ardósia dela, pela sua mente ágil e prática. Quando ficaram noivos, a Sra. Wilson ofereceu-lhes duas ou três mil libras para

começarem a vida. Houve quem dissesse que ela dera o dinheiro porque tinha sido um dos seus a engravidar a mãe de Furlong — ou não lhe tivessem chamado William, como os reis.

Mas Furlong nunca descobriu quem era o pai. A mãe tinha morrido de repente, caída no empedrado, enquanto empurrava um carrinho de mão com maçãs bravas para fazer compota. Uma hemorragia no cérebro, foi o que os médicos lhe chamaram depois. Furlong tinha doze anos nessa altura. Mais tarde, quando foi ao registo civil pedir uma certidão de nascimento, a única coisa escrita no espaço onde devia aparecer o nome do pai era a palavra *Desconhecido*. A boca do funcionário contorcera-se num sorriso feio, quando lhe entregou o papel sobre o balcão.

Furlong não sentia agora grande vontade de remoer o passado; a sua atenção estava concentrada no sustento das filhas, que tinham o cabelo preto, como Eileen, e a pele clara. Já se mostravam promissoras na escola. Katherine, a mais velha, vinha com ele aos sábados para o pequeno escritório pré-fabricado e, a troco de algum dinheiro de bolso, ajudava-o com a contabilidade, conseguindo arquivar tudo o que chegara durante a semana e manter um registo organizado da maior parte das coisas. Joan também tinha uma boa cabeça e entrara recentemente para o coro. Ambas frequentavam o secundário, em St Margaret's.

A filha do meio, Sheila, e a segunda mais nova, Grace, que tinham nascido com onze meses de diferença, sabiam dizer de cor todas as tabuadas, fazer contas de dividir e recitar todos os condados e rios da Irlanda, que por vezes desenhavam e pintavam com marcadores, sentadas à mesa da cozinha. Também tinham jeito para a música e frequentavam as aulas de acordeão no convento, às terças-feiras, depois da escola.

Loretta, a mais nova, embora tímida, recebia estrelas douradas e prateadas nos cadernos, lia vorazmente os livros de Enid Blyton e ganhara um prémio da Texaco pelo seu desenho de uma galinha azul e gorda a patinar num lago gelado.